



AVÉ-MARIA

Os jornaes publicam o seguinte annuncio:

Agua de Lourdes

AUTHENTICAS da quinta de Nossa Senhora, em garrafas de litro.

75, Rua do Carmo 75.

José da Costa

O annuncio da agua de Lourdes não nos surprehende.

A milagrosa agua de ha muito que disputa o favor publico, por meio da publicidade mais apparatusa, pondo-se em franca concorrência com as aguas mineraes, chamadas de mesa, e ainda com as aguas medicinaes. Se não na fé, no ouvido do publico, as aguas de Lourdes, como as de Vichy, as de Loeches e as mesmas aguas de Carabaña, anti-biliosas, anti-herpeticas e anti-escrophulosas, veem do mesmo reservatorio.

Lourdes tem de ha muito a sua analyse chimica, os seus certificados medicos, as suas etiquetas, o seu lacre, o seu carimbo proprios, talqualmente tem as aguas suas congeneres. Sómente, como Lourdes reivindica uma origem divina, Lourdes é tambem uma agua apostolica, recommendada pelo Vaticano e, como tal, é engarrafada em Roma, do que se adverte o publico, a fim de evitar contrafacções.

Não sendo, pois, o annuncio, o que nos surprehende, é a nova, inteiramente original, de que N. S. possui uma quinta, onde vende a retalho agua de Lourdes, o que nos enche da maior admiração, porque — confessemol-o desde já — ignoravamos absolutamente que, como o sr. Ribeiro Seabra, N. S. possuisse uma quinta.

Por outras palavras, nós ignoravamos que N. S. fosse proprietaria.

Para a nossa ingenua fé, N. S. era apenas possuidora da Graça, de que o avido, interesse humano não conseguira fazer ainda esse artigo tão caracteristico da industria moderna, que se chama—a Reliquia.

Do agiologio, a Egreja conseguira extrahir todo um basar de quinquilharia. Na côrte do ceu, santos ha que dão dividendos fabulosos. S. Francisco Xavier, S. Bento, Santo Ignacio accusam um saldo que faria inveja ás mais poderosas emprezas humanas. A Santa Luzia, de Sevilha, tem uma clientella superior á do Dr. Gama Pinto.

De N. S., as industrias extractivas da devoção não mostravam um pedaço da tunica, uma vertebra, ou um fio de cabelo. Ella estava irreductivel e intacta — na graça do mytho e na poesia da lenda.

Eis senão quando desce do seu ceu povoado de cabeças de cherubins loiros, apeia-se do seu crescente de prata como de uma carruagem e apparece-nos, na sua quinta, vendendo agua *authentica* de Lourdes, em garrafas de litro, com um deposito na rua Nova do Carmo e annuncios nos jornaes.

E' de confundir a natureza mais impassivel.



Até hoje, é certo, viramos já com alguma surpresa, o Almanach de Gotha vender queijos, manteiga e bem-assim melões.

Já o tempo das cruzadas vae longe, o que não impede que algumas vezes, passando pela praça da Figueira, nos detivessemos, surprehendidos, em frente da manteiga puro leite, de Godofredo de Bulhões. Os mesmos queijos de ovelha do antepassado não nos encontravam frios.

Mas, em summa, a civilisação, as revoluções politicas, a Grande Carta, Robespierre e os immortaes principios de 89 explicavam senão justificavam o queijo de ovelha.

Já mesmo a linda e estouvada Maria Antonietta iniciara o principio das vaccarias aristocraticas batendo a nata no Trianon, de manga arregaçada e saia á *painers*, sobre o curto, mostrando-lhe o fino artelho.

N'estes personagens, porém, nada de divino os impedia, como presentemente não impede, de fazerem o seu negocio. A manteiga do sr. marquez da Praia, por exemplo, não faz outro milagre que não seja o de não subir de preço, mantendo-se firme na honrada intransigencia dos dose tostões o kilogramma. Os melões do sr. duque do Cadaval ainda não se recommendaram á christandade senão pelo seu excellente sabor.

Em N. S. estas circunstancias não concorrem.

Ella não está no Almanach de Gotha e está na folhinha como Immaculada Conceição, o que quer dizer que está no Dogma, isto é, fóra do alcance da vida e do mundo.

O seu dogma é a sua quinta. Não pode ter outra.

Sobre isto vender agua a retalho, é uma violação da divindade, que nos enche de espanto e desolação.

Comtudo, é o que succede.

N. S. vende em Lisboa agua de Lourdes, em garrafas de litro, da sua quinta.

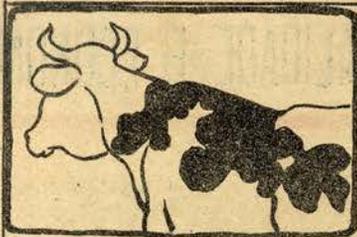
Breve a venderá a copo, nos estancos, de parceria com a agua da Sabuga, a do Arsenal e a de Valle de Cavallos.

Depois d'isto, juntemos as mãos e digamos todos:

Avé-Maria, cheia de graça, bendita sois vós entre as aguas potaveis...

Agora e na hora da nossa morte. Amen.

JOÃO-RIMANSO.



As esperas de bifés

ATÉ certo tempo, vigorou em Lisboa uma diversão a que se chamava—*esperar touros*.

Caducou, como tudo o que é velho.

Outra diversão, porem, veio substituil-a—*esperar bifés*.

Até aqui eram os bois que vinham na ponta da unha, com os campinos á frente, de vara e jaleca ao hombro e a competente força da municipal.

Agora, são os bifés.

Antigamente, tresmalhavam-se os bois. Agora, tresmalham-se os bifés.

E' o caso que a Camara Municipal de Lisboa entrou de importar da Argentina, para consumo publico, bois de uma tão estranha bravura, que o primeiro acto que julgou prudente praticar logo que elles começaram a chegar, foi começar a esperal-os, com todo o apparato das antigas esperas de gado bravo.



Nun'Alvares em D. Maria

NUN'ALVARES Pereira deixou de ser societario do theatro de D. Maria.

E' o que nos annunciam os jornaes da ultima semana, acrescentando que, em virtude do estado de consternação em que, por esse motivo, se encontra, Nun'Alvares passou a intitular-se Nun'Alvares Pereira Pato Moniz.

Fareçe que pela mesma circumstancia, Nun'Alvares Pereira deixou no theatro de D. Maria uma vaga.

Tambem a deixou na historia.

Afins de a prover, informam igualmente os jornaes que entrará Manuel Nobre.

Não é justo.

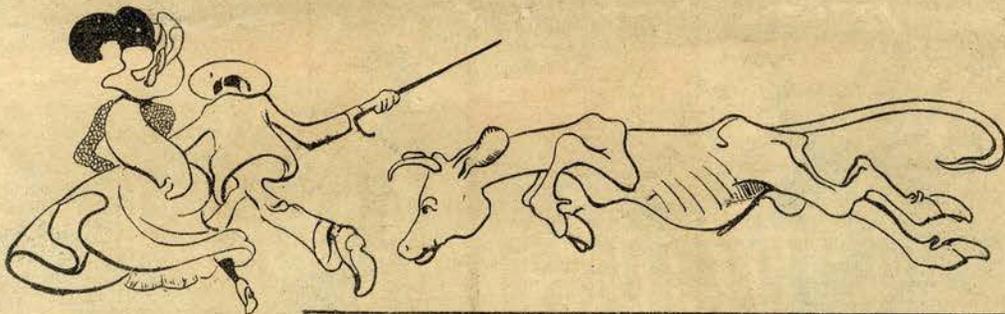
Quem preenche as vagas de Nun'Alvares Pereira, em Portugal,—todos o sabemos— é o sr. infante D. Afonso.

A elle, pois, o logar, e que Manuel Nobre espere outra vaga.

A de João das Regras—por exemplo.

No theatro tudo o que é illusorio é possível e João das Regras está um pouco cansado de representar o seu papel de jurista.

Talvez mesmo a empreza de D. Maria o demova a aposentar-se, e então sim—Tem cabimento Manuel Nobre, ou melhormente chamado Manuel Nobre das Regras.



Como antigamente para a praça de touros, elles são conduzidos de madrugada para o matadouro, entre campinos e uma força a cavallo da municipal, e, como antigamente, estes bois destinados a ser abatidos, tresmalham-se, invadem as terras, como ha pouco nos Prazeres, espalham o panico, provocam trambulhões, causam desastres.

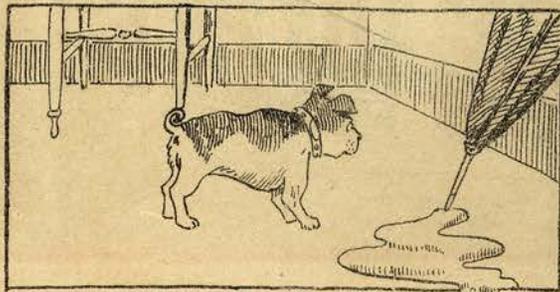
Não é carne do pojadouro; é do Estevam d'Alcochete.

Nestes termos, a camara andaria bem avisada, fazendo correr primeiro estes bifés, de mais poder e mais pé do que os que temos tido a honra de comer, na praça do Campo Pequeno.

Em resumo, a carne que nos entra hoje nos domicilios reclama lide.

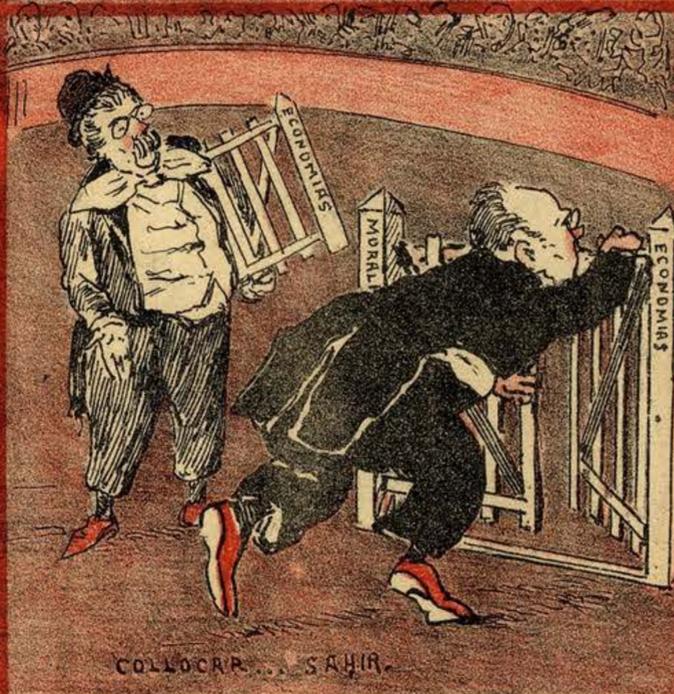
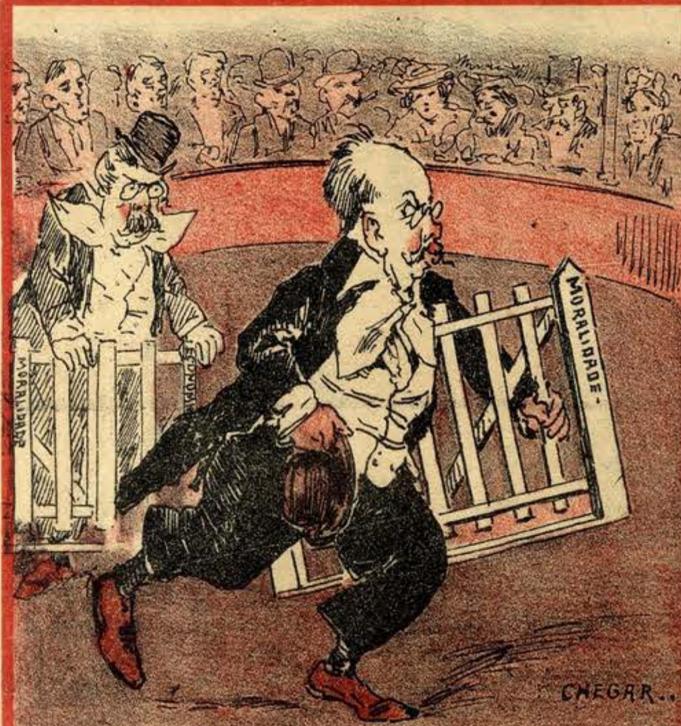
Dê-lhe a camara alguns passes de capa, antes de a reduzir ao consumo publico.

Um cão desconfiado



—O que me faz dar sorte é que depois vão dizer que fui eu!

MORALIDADE E ECONOMIA, OU O PALHAÇO DA CANCELLA



Está no Colyseo um palhaço que é a fiel imagem dos partidos constitucionaes em Portugal. Sempre que tem de entrar, ou sahir, esse palhaço serve-se de uma cancella que traz debaixo do braço. Assim, os partidos. Elles entram e sahem—sempre pela cancella: a cancella da moralidade e da economia, que anda com elles, debaixo do braço, com a pasta e o chapéu armado.

RAPHAEL BORGALLO PINHEIRO



Sua Santidade e a cirurgia



DR. Lapponi, bem conhecido medico do Papa, foi ha dias operado pelo dr. Mazzoni.

Antes de fazer a operação, este illustre professor, que ha annos operou tam-

bem Sua Santidade, esteve no Vaticano a informar Leão XIII da enfermidade do seu medico particular e da operação a que ia proceder.

Leão XIII—referem de Roma,—disse-lhe então textualmente:

«—Anime-o, diga-lhe da minha parte que supporte com coragem e com fé a operação e acrescente que eu lhe asseguro que tudo correrá bem.»

As seguranças do Santo Padre são tudo quanto ha de mais desmorteador.

Se Sua Santidade se julga com o privilegio de poder garantir o bom exito das operações cirurgicas, não vemos motivo para que não exerça esse privilegio antecipando-se a ellas na cura das lesões que ellas são chamadas a prevenir.

Sua Santidade assegura aos operados da sua amizade que tudo correrá bem.

Perfeitamente.

Que Sua Santidade seja um pouco mais amavel e os poupe á operação.

O que é a operação?

Uma contingencia humana.

O que são as seguranças de Sua Santidade?

Um penhor divino.

Logo, Sua Santidade que tem o poder divino de substituir pelos seus designios pessoas, os designios da natureza humana, pode não só corrigir a operação, como a propria enfermidade que a tornou necessaria.

Mas nós comprehendemos.

O poder do Santo Padre tem limitações, como os medicos tem especialidades.

A especialidade do Santo Padre é a clinica cirurgica.

Não importa! Para as futuras operações, como para os casamentos, pediremos a benção de Sua Santidade—pelo telegrapho.



Piadas do Sol

O celebre meteorologista austriaco Zeuger prediz o desaparecimento da Italia dentro de um anno, devido a uma grande convulsão subterranea.

Tendo conhecimento d'esta noticia, o nosso amigo Joaquim de Araujo, nosso consul em Genova, disse—pela primeira vez na sua vida:

—Lavo d'ahi as minhas mãos!



O medico francez, dr. Tissot, acaba de fundar entre os assignantes do telephone, uma sociedade de protecção — diz textualmente um telegramma de Paris— contra os damnos causados pelos telephonistas.

Singular!

Por mais que nos detenhemos, não podemos comprehender de que natureza possam ser os damnos causados pelos telephonistas, aos assignantes do telephone.

A não ser que as communicações telephonicas em Paris, sejam levadas a domicilio, pelas telephonistas, isto é, que a communicação entre o assignante e o telephone seja por tal maneira directa, que possa sobrevir damno para qualquer das duas partes; e ainda assim affigura se-nos que o mais resentido ainda deve ser—o telephone.

Interrogando na Boa-Hora um dos hespanhoes implicado no roubo da rua do Arsenal, o juiz advertiu-o:

—Quero prevenil-o mais uma vez de que é conveniente dizer a verdade, E' um conselho d'amigo.

A amizade dos magistrados da Boa-Hora, pelos individuos que são chamados a metter no Limoeiro, está dando excellentes resultados na investigação da verdade.

E' raro o que resiste a estes appellos amistosos.



Jerusalem vae ser vendida aos judeus. Em virtude d'esta transacção, o christianismo fica sem domicilio certo.

E' uma religião que passa a viver em hotéis.



À ESQUINA



Um cumulo

—Aqui xó quien xabe lêr é o Lópes. Porque eu nun xei lêr, tu... menos é Xuão ainda menos...!

CENTRAL DOS CORREIOS



SCREVEM-n'os de Coimbra denunciando nos um plagiato perpetrado sobre umas endeixas vindas á luz, em 1856, no *Almanach de Lembranças*.

A victima não é de uma juventude exuberante, o que não impede que o attentado seja de todo o ponto condemnavel.

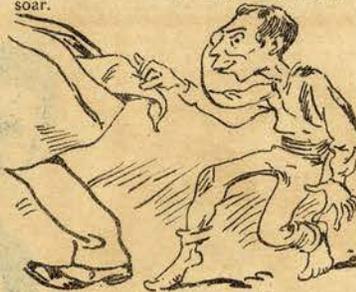
Ao successo, porem, não daremos maior echo do que o d'esta breve resposta ao sollicito fiscal da moralidade em letras, que nos distinguui com a sua communicacão, limitando-nos a constatar que o mal do plagiato remonta á mais recuada antiguidade e grassa nas letras portuguezas desde tempos immemoriaes.



Camões—o nosso grande Camões, como tão argutamente o demonstrou Padre José Agostinho—plagiou. A *Eneida* é um plagiato. A *Iliada*, outro.

Pela litteratura fóra, o genio é uma serie de palmanços.

O plagiato de Coimbra é, a par das grandes roubalheiras classicas, um pobre lenço d'as-soar.



Se até na arte de furtar... idéas estamos decedentes!

Hoje rouba-se muito, em litteratura. Rouba-se muito, mas rouba-se pequenas coisas. Desapparecem-nos de casa, ás vezes, idéas e gallinhas, mas ambas magras. Furtam-se talheres desirmanados, guardanapos sujos, paliteiros de vidro, restos de croquettes e co-deas de pão—o que arrasta por cima das mezas, depois do jantar.

Por isso tambem, enquanto Camões, pilhando, fazia os *Luçtadas*, hoje a mão baixa não faz um verso de rebuçado em termos.

Demais, roubar um verso ao *Almanach de Lembranças* é como roubar uma rosa n'um jardim.

Este almanach não é dos seus collaboradores—prosadores e vates de tanta antiguidade. E' do publico e não tem grades.

THEATRO D. AMELIA



Primeiras proezas de Richetieu e de Adelina Ruas no Theatro D. Amelia *Croquis á la minute.*



Companhia Real DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

AVISO AO PUBLICO Imposto do sello

Conforme as disposições legais vigentes em re acção aos transportes pelas linhas da Companhia, foram estabelecidas as novas taxas seguintes:

A—Bilhete de assignatura para transpo te por grande velocidade, de comensaveis, nos arredores das cidades.

Taxa por bilhete:

1.º quando o preço da assignatura não exceder a 3000 réis 300 réis

2.º excedendo, mas sendo inferior a 10000 réis mensaes 600 "

3.º excedendo de, e de 10000 réis mensaes ou fr-ção ind visivel 60 "

B—Documento que substitua a g'ia de bag. 20 "

idem, que substitua a carta de porte de quaesquer expedições 60 "

Lisboa, 3 de Novembro de 1904.

Arrendamento do buffete de Alfarellos

até 31 de Dezembro de 1904

Pela 1 hora da tarde do dia 15 do corrente, perante a Commissão Executiva d'ella Companhia, na estação de Lisboa (Rocio) serão abertas as propostas até aquella hora recebidas para o arrendamento do buffete da estação de Alfarellos, até 31 de Dezembro de 1904.

As condições para este arrendamento estão patentes na Republicação Central do Movimento, estação de Lisboa (Santa Apolonia) todos os dias não-anticados, desde as 10 horas da manhã até ás 4 da tarde, e na estação de Alfarellos, em poder do C. de la estação de Alfarellos que as apresentará quando l. e forem pedidos.

As propostas serão encerradas em carta fechada á Direcção Geral d'esta Companhia, em Lisboa, estação de Santa Apolonia, com a seguinte inscripção exterior:

«Proposta para arrendamento do buffete de Alfarellos», e recolhidas segundo o theor seguinte: «Eu abo assignado residente em . . . obri-me para com a Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, a tomar de arrendamento o buffete da estação de Alfarellos, até 31 de Dezembro de 1904 nel quantia de . . . réis (por extenso) na conformidade das condições que estiveram patentes e das que tomei pleno conhecimento. Assignatura por extenso e bem legivel.

Lisboa, 3 de Novembro de 1904.

O Director Geral da Companhia
Chapuis.

Ourivesaria e Relojoaria
com officina anexas
de fabrico e
concertos

FLORINDO

Jóias
com brilhantes
Preços limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

MENÉRES & C.ª

Porto

Fornecedores da Casa Real Portugueza, da Casa do Presidente da Republica do Brasil, da Directoria da Sanidade Publica do Pará, da Cooperativa Militar Portugueza, da Santa Casa de Misericordia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto

AGENCIAS EM TODO O MUNDO
Deposito em Lisboa

RUA DOS CAPELLISTAS, 43 A 47

THEATRO D. AMELIA



A vinda a Lisboa da Bartel e do Le Bargy, trazidos pela mão gorda, mas activa do visconde de S. Luis de Braga, não é uma banalidade.

A Sarah passeia ha muitos annos a sua arte em *sleeping-car* e em paquetes das Messageries; a sua rival, a Duse tem sempre a mala feita. A Réjane começa a tornar-se cosmopolita.

O Emmanuel, o Novelli, o Zacconi, como outr'ora o Rossi e o Salvini são artistas essencialmente migradores. Desde que se tornam celebres, estes comediantes de genio deixam de ter um domicilio. A sua mesma patria se dissipa. A Duse é vagamente italiana; da Sarah já se diz que é allemã. Em breve, o parisiannismo da Réjane deixará de ser um dos privilegios da sua arte...

A celebridade no theatro quer dizer—desnacionalisação.

Quando os artistas de valor começam a fazer as malas, elles entram n'aquelle regimen d'arte a que poderiamos chamar — de mesa redonda.

A Bartel e Le Bargy, sendo no entanto duas grandes marcas d'arte, em theatro, constituem uma excepção a este principio de desnacionalisação pela celebridade.

Elles são o Theatro Francez, na sua representação mais genuina, e elles não viajam.

A sua curta ausencia da casa de Molière, onde celebram, foi precedida de um tão grande numero de laboriosas negociações e tornou-se permitida mediante um tão grande numero de auctoriscações officiaes, que diriamos tel-as obtido por alguns dias em Lisboa não já por effeito dos esforços do empresario do D. Amelia, mas em virtude de uma verdadeira intervenção diplomatica.

Elles não são artistas, em *tournee*. São embaixadores em missão. Temol-os aqui, porque—como se diz nas falas do throno—se mantem inalteraveis as nossas relações com as potencias estrangeiras, a França, entre todas, consentindo que elles viessem trazer-nos com a sua arte, tão pura, um conselho raro de conhecermos, por alguma coisa mais do que pelos relatos do *Figaro*, o que seja um sarau na Comedia Franceza.

Este serviço devemol-o ao mesmo tempo ao sr. visconde de S. Luiz de Braga e ao sr. Emilio Loubet.

Graças sejam dadas a ambos!